



DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE FILOSOFIA

JULLIANNE CATIELLE DA SILVA CLEMENTINO

**UMA MÍSTICA DO OLHAR: A RELAÇÃO ENTRE O OLHAR FINITO  
E O OLHAR INFINITO NO *DE VISIONE DEI* DE NICOLAU DE CUSA**

Campina Grande-PB

2014

JULLIANNE CATIELLE DA SILVA CLEMENTINO

**UMA MÍSTICA DO OLHAR: A RELAÇÃO ENTRE O OLHAR FINITO E O OLHAR  
INFINITO NO *DE VISIONE DEI* DE NICOLAU DE CUSA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de concluinte do curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, realizada sob orientação da Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira.

Orientadora: Dr<sup>o</sup> Maria Simone Marinho Nogueira

CAMPINA GRANDE-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

626 Clementino, Jullianne Catielle da Silva

Uma mística do olhar [manuscrito] : a relação entre o olhar finito e o olhar infinito no De Visione Dei de Nicolau de Cusa / Jullianne Catielle da Silva Clementino. - 2014.

47 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1.Filosofia 2. Filosofia Mística 3. Sentidos I. Título.

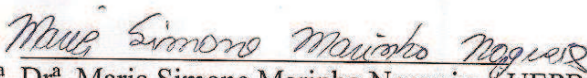
21. ed. CDD 189.5


JULLIANNE CATIELLE DA SILVA CLEMENTINO

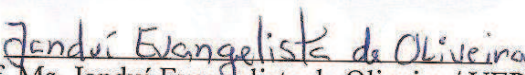
**Uma mística do olhar: a relação entre o olhar finito e o olhar infinito no *De visione dei* de Nicolau de Cusa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 28/02/2014.

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB  
Orientadora

  
Prof. Ms. Fábio Henrique Rodrigues Sousa / UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB  
Examinador

“Quanto maior o grau de amor, tanto mais intimamente a alma é possuída por Deus. Pelos degraus da escada, a alma sobe para Deus, para a união com ele; e quanto mais sobe para Deus, tanto mais profundamente desce em si mesma: a união há de realizar-se no íntimo da alma, nas profundezas do seu âmago.” (Edith Stein)

## AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos neste momento é bem grande, justamente por que muitas foram às participações que aqui estiveram e que de sua maneira fizeram parte desse momento. Agradeço inicialmente à minha família que me apoiou e incentivou em todos os momentos (inclusive nos momentos mais incríveis, absurdos e incertos). Agradeço aos meus amigos que nunca pararam de torcer pelas minhas conquistas, sempre incentivando com os melhores conselhos.

Aos meus colegas da turma de filosofia que se mostraram desde o início tão amigos, tão companheiros, insanos e amados e que deixarão tantas saudades e ótimas lembranças. Em especial agradeço a Tadeu, pela amizade, força e incentivo (foi maravilhoso conhecê-lo “gracioso”) e ao Márcio por tudo que fizemos pelas odisséias, conversas infundáveis e descobertas e pelo que faremos (para nós resta preparar as malas cheias de esperanças e expectativas.)

Agradeço aos professores que cada um em seu momento fizeram grande diferença nesses anos de academia. Em especial a professora Maria Simone que durante esses cinco anos esteve bem presente e que muito me ensinou sobre a vida acadêmica, sem falar em seu esposo Antônio que sempre tornava as orientações mais doces (as melhores balinhas da UEPB). Agradeço a todos que sem dúvidas vão deixar saudades.

Por fim agradeço a Deus, aquele que sempre está por perto com os melhores conselhos para quem quiser ouvir. Acredito que sempre há um “dedinho” de Deus nas coisas boas que acontecem e certamente, desde aqueles dias de vestibular para o curso de filosofia, Ele já estava lá.

Muito grata a todos.

## RESUMO

Observando as concepções do âmbito filosófico, podemos conceber o contexto medieval como de grande relevância no que se entende como um período de construção do conhecimento. É neste período que encontramos Nicolau de Cusa, que muito representou a filosofia do seu tempo. Teólogo e humanista do Renascimento, Nicolau de Cusa constrói seu sistema filosófico a partir de várias influências que demonstraram a relação do homem com Deus e de como o conhecimento pode relacionar-se de forma muito forte com esta experiência. Esta é sem dúvida uma argumentação apresentada dentro do contexto filosófico medieval que foi muito discutida: o intelecto é uma via de acesso genuíno a Deus, ou, do contrário, são através dos afetos que isso ocorre? Nicolau de Cusa irá propor alguns questionamentos sobre este tema que nos leva a uma possível reflexão sobre o olhar dentro da filosofia, uma vez que nesta, apesar de haver uma tradição que exclui os sentidos como uma via para a verdade, muito pode proporcionar-nos uma reflexão sobre a temática a partir de uma abordagem metafísica que proporciona uma interação entre a unidade originária e a contingência humana. Deste modo, Nicolau de Cusa apresenta em sua obra *De visione Dei* uma mística especulativa que permeia o olhar e utiliza este como arcabouço para a construção relacional do homem com Deus, pois o sentido visual desencadeia neste mesmo homem e em seus demais sentidos o desejo da busca pelo divino.

Palavras- chaves: Nicolau de Cusa. Mística do olhar. Sentidos. Especulação.

## ABSTRACT

Observing the conceptions of philosophical ambit, we can conceive the medieval context as large relevance in what is understood as a period of knowledge construction. It's in this period that we found Nicholas of Cusa, who much represented his time philosophy. Renaissance humanist and theologian, Nicholas of Cusa builds his philosophical system from various influences that demonstrated the relationship of man with God and how the knowledge can relate very strongly with this experience. This is certainly an argument presented within the medieval philosophical context that was much discussed: the intellect is a way of genuine access to God, or, otherwise, are through of the affects that it occur? Nicholas of Cusa will propose some questions about this topic that lead us to a possible reflection about the look in philosophy, since this, although there is a tradition that excludes the senses as a pathway to the truth, much can providing us a reflection about the theme from a metaphysical approach that provides an interaction between the original unity and human contingency. Thus, Nicholas of Cusa presents in his work *De visione Dei* a speculative mystical that pervades the look and uses this as a framework for the relational construction of man with God, because the visual sense triggers in the same man and his other senses the desire of the search by divine.

Keywords: Nicholas of Cusa. Mystical look. Sense. Especulation.



## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 – NICOLAU DE CUSA: UM PERCUSO DE VIDA E OBRAS AO LONGO DA HISTÓRIA .....</b>	<b>14</b>
<b>3 – AS RELAÇÕES ENTRE AS OBRAS <i>DE DOCTA IGNORANTIA</i> E O <i>DE VISIONE DEI</i> E SUA RELEVÂNCIA NA PROPOSTA DA MÍSTICA ESPECULATIVA .....</b>	<b>20</b>
<b>4 – UMA REFLEXÃO SOBRE O OLHAR DENTRO DA TRADIÇÃO FILÓSOFICA</b>	<b>24</b>
<b>5 – <i>DE VISIONE DEI</i>: UMA PEDAGOGIA PARA A EXPRESSÃO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O INFINITO.....</b>	<b>27</b>
<b>6 – OS ELEMENTOS SENSÍVEIS DENTRO DO CRUZAMENTO DE OLHARES NA EXPERIÊNCIA MÍSTICA.....</b>	<b>31</b>
6.1- UMA MÍSTICA DO OLHAR NA EXPERIÊNCIA ESPECULATIVA .....	35
6.2- EM BUSCA DA RELAÇÃO ENTRE OS OLHARES FINITO E INFINITO .....	39
<b>7- CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Em meio a tantas discussões filosóficas sobre a relação finito/infinito, é com o pensamento do filósofo, teólogo e humanista do renascimento, Nicolau de Cusa, que encontraremos uma relação entre o finito e o infinito expressa a partir dos sentidos. Uma discussão inovadora, onde podemos ver seus reflexos tanto em sua época como ainda hoje no que tange à reflexão filosófica sobre a mística, que aqui se reveste por uma mística como experiência do cruzamento de olhares.

Naquele contexto, meados do século XV, a Europa presenciava a divulgação de idéias sobre a via de relação entre o finito e o infinito suscitada a partir da obra de pseudo-Dionísio, *De Mystica Theologia*, onde muito se questionava se o intelecto era uma via de acesso genuíno a Deus, ou se era pelos afetos que isso acontecia. Esta polêmica encontrará em Nicolau de Cusa questionamentos adversos, pois este afirma uma experiência pelo caminho de transcendência através do rompimento de toda a barreira da contingência finita, seguindo uma gradação que tem seu ponto de partida nos sentidos, passando pela razão até o intelecto.

Nicolau de Cusa insere, assim, sua mística neste contexto, traçando uma ligação entre o finito e o infinito, considerando tanto a noção de afeto quanto a do intelecto que participam da concretização da transcendência tendo como ponto inicial os sentidos, e de modo especial a visão.

Com isso o filósofo do Mosela irá propor uma possível reflexão sobre o olhar dentro da filosofia, uma vez que, apesar de haver uma tradição que exclui os sentidos como uma via para a verdade, muito podemos perceber sobre esta temática a partir de uma abordagem metafísica que proporciona uma interação entre a unidade originária e a contingência humana, que envereda por este caminho do olhar que, segundo André (1988, p.111), representa uma metafísica da luz que desenvolve a idéia do olhar numa construção mística.

Seguindo esta mesma temática, Nicolau de Cusa apresenta em sua obra, *De visione dei*, uma mística especulativa que permeia o olhar e utiliza a este como arcabouço para construção relacional do homem com Deus, pois o sentido visual desenvolve neste mesmo homem e em seus demais sentidos o desejo da busca pelo divino.

Vemos então uma nova possibilidade de pensar acerca de uma relação neste nível de transcendência que abriu passagem para além dos muros de idéias consolidadas. Nicolau de Cusa, inserido neste contexto, afirmou a viabilidade da relação a partir de uma leitura diferente da convencional, pois, dentro da teologia negativa (que afirma a impossibilidade de dizer o infinito por meio da finitude), o homem precisa seguir um caminho de transcendência

de seus entes, uma vez que Deus está justamente para além deles. O desapego da própria finitude para alcançar a transcendência do infinito inacessível nos traz a visão cusana da consciência de inferioridade que precisa ser superada para que a experiência mística aconteça. Nesse sentido, o pensador alemão nos oferece, por meio do cruzamento de olhares, a idéia de uma *visio intellectualis* que une o *afectus* e o *intellectus* na busca finita da própria transcendência para alcançar o infinito, concretizando, assim, uma metafísica do olhar como nos relata Reinhardt:

À teologia negativa se une, pois, uma teologia simbólica, e nesta os sentidos, sempre entendidos espiritualmente, desempenham um grande papel. A vista, por exemplo, denomina, não só no escrito *De visione dei*, a compreensão do incompreensível. Em compensação, o ouvido fica sempre ligado ao mundo terreno, ouvimos apenas na fé do mundo celeste. (2007, p. 15)

Apesar da finitude dos entes finitos demonstrados pela teologia negativa, Nicolau de Cusa recorreu a eles como passo inicial para a realização da experiência ou, em outras palavras, Nicolau de Cusa parte do fundamento físico (o olhar) para o encontro com o metafísico (que é Deus).

Podemos, então, perceber a importância do pensamento de Nicolau de Cusa dentro da polêmica de seu tempo, principalmente quando nos deparamos com a troca de correspondência realizada entre Gaspar Aindorffer e Bernardo Waging (monges de Tegernsee) com o cardeal alemão, onde o próprio Aindorffer questiona se era pelo conhecimento intelectual ou se era pelo afeto que o homem trilhava o caminho ascendente ao encontro com Deus.

Não seria muito difícil perceber a intenção do monge que buscava, dentre outras coisas, saber a opinião do nosso filósofo sobre a querela entre o *afectus* e o *intellectus* como, da mesma forma, podemos perceber a intenção cusana de encaminhar os monges a uma experimentação mística de contemplação do infinito através das vias tanto afetivas quanto intelectivas, uma vez que sua resposta será apresentada por meio do *De visione dei* que será enviada à comunidade monacal de Tegernsee, juntamente com a obra de arte que representa o ícone de Deus.

Assim, na obra em questão, Nicolau de Cusa se utiliza do texto especulativo adicionado a uma obra de arte que explora o artifício do olhar finito ao mesmo tempo que representa o olhar divino. Ele une, assim, sensibilidade e especulação intelectual para a construção do que estamos chamando de uma mística do olhar que, a nosso ver, procura traçar

uma relação entre o olhar finito e o olhar infinito, repensando, nesse sentido, as relações entre o humano e o divino.

Nesse sentido, em meio às discussões sobre a viabilidade de acesso a Deus, Nicolau de Cusa abre as portas para se pensar não uma anulação do afeto ou do intelecto, mas uma junção de ambos, aliados ao “fenômeno sensível”, em especial a visão, para concretização da transcendência que, dentro das concepções aceitas na época, nos mostra uma inovadora possibilidade de se chegar a Deus (face que a tudo percebe) a partir da superação dos instrumentos finitos (o quadro e o olhar, por exemplo) que, entretanto, se mostram como pontos de partida importantes para a idéia de uma metafísica do olhar.

Vemos que Nicolau de Cusa afirma de forma inovadora esta relação que visa à transcendência por meio do afeto e do intelecto numa época em que havia uma forte oposição entre estas duas instâncias. Nicolau de Cusa abre a possibilidade de pensar diferente quando reúne estas instâncias humanas (em suposta divergência), para uma interação que resultou na possibilidade dialógica dentro de uma progressão que começa nos sentidos, passa pela razão, alcança o intelecto, e chega a uma *visio intellectuallis*. Por esta razão, é propósito nosso analisar a obra *De visione dei* com o intuito de demonstrar a existência de uma mística do olhar no pensamento de Nicolau de Cusa, repensando as instâncias humanas (percepção, razão, imaginação, intelecto, afeto) não como excludentes, mas, interdependentes no cruzamento dos olhares finitos com o olhar infinito.

Para tanto, esse trabalho utilizará como principal fonte de pesquisa a tradução portuguesa da obra *De visione dei* de Nicolau de Cusa, realizada por João Maria André, através da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2012, assim como a obra *De docta ignorantia*, também do professor João Maria André e demais fontes de pesquisadores, estudiosos especialistas na filosofia de Nicolau de Cusa como a professora Maria Simone Nogueira, Jorge Machetta, Cláudia D’amico, Ernest Cassirer, Walter Beierwaltes e demais autores que serão expostos nas referências bibliográficas deste trabalho.

Desta feita, será utilizada a seguinte seqüência no decorrer deste trabalho: no Capítulo I, começaremos a introduzir a vida de Nicolau de Cusa, assim como sua filosofia (que inclui suas obras) dentro do cenário histórico vivenciado por ele, se atendo, em especial ao *De visione dei*, principal alvo de nosso trabalho. Em seguida, no Capítulo II, daremos continuidade a discussão a partir da relação entre as obras *De visione dei* e a *De docta ignorantia*, esta segunda considerada uma das obras mais relevantes na composição do pensamento de Nicolau de Cusa, onde podemos perceber pontos de convergências muito importantes com a obra mística *De visione dei*. No Capítulo III, trataremos de direcionar

nossa discussão à temática central de nosso trabalho, traçando um panorama sobre a idéia do olhar dentro da tradição filosófica, no qual utilizamos personagens representantes de cada período da história da filosofia.

Utilizando já as discussões acumuladas nos capítulos anteriores, podemos entrar no Capítulo IV com a representação simbólica para a experiência com o infinito, onde será possível perceber a justificativa de Nicolau de Cusa para o uso da obra de arte como instrumento para a concretização da experiência especulativa. No último Capítulo (V) refletiremos sobre a concepção da experiência mística a partir do cruzamento dos olhares finito e infinito com a intervenção dos elementos sensíveis que nos ajudam a responder determinados questionamentos como: de que modo Nicolau de Cusa aborda a concepção de uma relação possível entre os olhares finito e infinito levando em consideração a desproporção entre estas duas instâncias e, ao mesmo tempo, o desejo de tal aproximação que procura ser feito tendo o sentido da visão como mediador? Dito de outra forma, como pensar a transcendência humana a partir da percepção do cruzamento de olhares desproporcionais que se enlaçam numa experiência de união da mais alta profundidade especulativa que, entretanto, tem seu ponto de partida nos sentidos, mais especificamente, no sentido da visão? Por fim, este capítulo apresenta, ainda, duas divisões, onde procuramos refletir um pouco mais o tema escolhido para este trabalho.

## **CAPÍTULO I:**

### **NICOLAU DE CUSA: UM PERCUSO DE VIDA E OBRAS AO LONGO DA HISTÓRIA**

De origem alemã, Nicolau Krebs nasceu em Cusa no ano de 1401, falecendo em 1464 na cidade de Tódi<sup>1</sup>, deixando, no entanto, um grande legado do saber que muito representou a perspectiva de seu tempo dentro da filosofia e que se expandiu para uma posteridade histórica. Isso se deu por causa da diversidade quanto às áreas de atuação que ele se propôs, abrangendo questões tanto filosóficas, teológicas, cosmológicas e até políticas, que lhe serviram para o título de personagem-chave diante do período de transição do medievo para a modernidade.

Com um brilhante percurso de construção acadêmica, Nicolau de Cusa saiu de sua terra natal para Deventer, onde teve acesso pela primeira vez às idéias de um cristianismo que levaria nosso filósofo a uma via mística, na qual construiu seu sistema a partir de várias influências que demonstram a relação do homem com Deus.

Seus passos seguintes se dariam em Heidelberg, onde estudou direito, chegando a Pádua, na Itália, onde alcançou o seu doutoramento numa construção filosófica de fortes influências nas linhas de pensamento que foram desde os platônicos, neoplatônicos, assim como na mística especulativa de Pseudo-Dionísio e mestre Eckhart, que lhe trouxeram também grandes influências no que podemos entender como uma mística de experiência do olhar, temática de nosso trabalho.

Teólogo e humanista do renascimento, Nicolau de Cusa nos presenteou, com seu acervo, obras que muito se mostraram relevantes e que se mantiveram vivas dentro de nossa academia como fortes representantes de uma literatura reflexiva e aprofundada no que se entende como uma busca pelo conhecimento.

Seu tema geral de reflexão gira em torno de Deus e de sua relação com o homem a partir da unidade e da diversidade, assim como a interdependência representada por cada um deles, adotando a forma de diálogo na maioria destas obras, sendo esta uma característica bem percebida na sua escrita filosófica. Nicolau de Cusa, no entanto, o fez, de forma inovadora,

---

<sup>1</sup> Nicolau de Cusa faleceu em Tódi, na Úmbria, em 1464, em meio aos preparativos de uma Cruzada contra os turcos. Sendo sepultado em Roma, teve seu coração levado, no entanto, para a Alemanha, em Cusa, sua cidade natal, segundo seu próprio desejo em vida.

mostrando uma viabilidade de libertação do pensamento dentro de uma tradição que se percebia muito forte nesse período.

Quando falamos em tradição, não podemos deixar de nos referir também a escolástica que muito caracterizou seu próprio tempo dentro do contexto histórico do feudalismo que representou uma estrutura sócio-econômica fechada e que pode nos exemplificar a concepção de tradição que citamos aqui e que pode ser melhor esclarecida nas palavras de Barros:

Enquanto a universidade é o corpo fechado e constituído por mestres, a Escolástica apresenta-se como o ensino magistral que esta mesma universidade tem por função proporcionar . Esta sincronidade é muito bem salientada por Alessio, [autor da obra *Escolástica* da editora EDUSC,2002] que faz notar que o humanismo que se afirma a partir do século XV é tão estranho à instituição universitária como radicalmente anti-escolástico. (BARROS,2012, p. 235)

Sendo ligada à cátedra universitária, a escolástica relacionava à base aristotélica o título de um sistema indicador para os estudos filosóficos que aconteciam nesse período, porém, esta mesma viria a ter seu momento de enfraquecimento a partir do século XIII, com a introdução de novas perspectivas que viriam a se tornar muito relevantes no sistema filosófico medieval. Falamos do humanismo citado por Barros, onde Nicolau de Cusa estará inserido já com a reação da renascença e sua proposta de libertação e superação do pensamento desta, então, tradição escolástica.

No entanto, é válido ressaltar que Nicolau de Cusa vai além do que colocamos como superação de uma tradição, isso se dá pela perspectiva desafiadora que Letícia Testa observa no cardeal alemão quando a mesma o coloca como um filósofo portador do passado e também do futuro, ou ainda, um ponto de interligação entre a escolástica e a renascença que se mostravam em âmbitos divergentes e até mesmo antagônicos.

Dentro desta perspectiva não será difícil perceber a Nicolau de Cusa, ora em crítica ao sistema escolástico, ora em utilização do mesmo, seguindo não um rompimento, mas um direcionamento, propondo não apenas a via estática do pensamento “antigo” ou do “novo”, mas propõe um pensamento inovador, como podemos ver a seguir:

Com isso começa-se a reter alguns dos motivos que apontam para a pluridimensionalidade da perspectiva cusana, e que, consequentemente, justificam o porquê, através do resgate das suas fontes, da plausibilidade de diferentes tentativas de filiá-lo a divergentes correntes ou a discordantes vias de pensamento. Assim, se por alguns pontos de vista o seu pensar é genuinamente platônico (pelos conceitos de participação, de abismo e pela sua orientação dialética-dialógica, por exemplo) ou neoplatônico (situando-se na sequência do neoplatonismo de Proclo, do Pseudo-Dionísio e, ainda, de pensadores tardo-medievais como Eckhart e Raimundo Lulo (cf. ANDRÉ, 1997), por outro, é também aristotélico e escolástico (pelas vias de Alberto Magno e Tomás de Aquino, entre outros). (TESTA, 2011, p. 39)

Nesse sentido, podemos ver na construção filosófica cusana o desafio que faz parte de seu tempo, onde se aguçava cada vez mais a curiosidade e perspectivas humanistas para o saber. Dentro desta dinâmica encontraremos o número de cerca de 25 obras escritas por Nicolau de Cusa que discorrem sobre temas variados e ainda cerca de 300 Sermões. Dentro de tais obras podemos citar algumas como: *O Idiota*, coletânea de diálogos (o *De Mente*, o *De Sapientia* e o *De Staticis Experimentis* onde encontramos um homem iletrado, mas que se mostra como protagonista do diálogo ao suscitar questões bem com as características socráticas; *De coniecturis*, que aborda a busca pela verdade através da matemática e do conhecimento comparativo; *De Beryllo*, um método para enxergar Deus com os olhos da razão; o *De Deo abscondito*, que nos levanta perspectivas quanto à construção do saber humano diante de Deus; a obra célebre de nosso pensador, o *De Docta Ignorantia*, onde o mesmo apresenta uma discussão sobre a inacessibilidade do infinito por meio do finito a partir da conceitualização da perspectiva dos pares *complicatio* e *explicatio* concebida por Nicolau de Cusa.

Além destas obras de grande importância nas produções filosóficas de Nicolau de Cusa, veremos também uma obra que se encontra no âmbito da mística. Estamos no referindo à obra *De Visione Dei*, na qual Nicolau de Cusa irá construir seu sistema filosófico a partir das suas concepções sobre a relação do homem com Deus e como o conhecimento pode também direcionar-se de forma muito forte dentro desta experiência.

Diferente das demais obras, *De visione dei* segue a estrutura de um tratado, dividido em 25 capítulos que se desenvolvem na perspectiva de uma experiência mística do homem no alcance da plenitude divina. O homem se encontra na esfera finita, logo é incapaz de alcançar o infinito divino, pois toda sua flexível e mutável existência se opõe radicalmente à mente imutável de Deus. No entanto, veremos não apenas em Nicolau de Cusa, mas na perspectiva da própria mística, um desejo do homem para tal realização e, seguindo nesse sentido,



encontramos o caminho da transcendência como via de rompimento de toda barreira da contingência finita humana, uma vez que Deus se encontra justamente além desta.

Esta é, então, uma das bases para o pensamento místico, onde o homem busca o conhecimento de Deus pela auto superação de sua própria finitude, através da transcendência. No *De visione dei*, Nicolau de Cusa vai ainda além quando em sua proposta de especulação através do uso da experiência nos traz a idéia de um caminho a ser seguido, ou nas palavras de Nogueira: “*Partindo desta “condução”, parece-nos que o “experimental”, no De visione dei segue uma gradação que parte da sensibilidade, passando pela razão e vai até o intelecto.*” (NOGUEIRA, 2012, p. 212)

Temos, então, a perspectiva de uma experiência que conduzirá o homem a partir do movimento de ascensão do pensamento racional unido aos sentidos na transcendência do olhar que abandona gradativamente suas possibilidades finitas para chegar ao divino. Por esta razão, ao iniciar sua obra, Nicolau de Cusa, invoca a Deus para que ele ajude a condução dos irmãos de Tegernsee às construções infinitas que só podem ser percebidas a partir da transcendência, que como veremos parte dos sentidos e chega ao intelecto.

Encontramos aqui um ponto muito importante para a compreensão da obra do pensador do Mosela, que também faz parte de uma das questões basilares para a discussão da mística do século XV. Estamos nos referindo à polêmica do acesso a Deus pelas vias do afeto ou do intelecto, solicitado a partir da interpretação da obra de Pseudo-Dionísio, *Mysthica Theologia*, onde muito se questiona se o intelecto era uma via de acesso genuíno a Deus, ou se, do contrário, era pelos afetos que isso acontecia. Nicolau de Cusa irá propor algumas perspectivas de grande relevância sobre esta temática. É válido lembrar, no entanto, que a polêmica do afeto versus o intelecto não teve seu início no século em que vivia nosso pensador, tal impasse já vinha se formando há anos, ainda em meados dos séculos XII e XIII quando surgem diversas interpretações sobre obras como a *Mysthica Theologia*. Uma dessas interpretações que se mostrou de grande relevância foi a de Hugo Balma<sup>2</sup> que consolidou ainda mais a distinção das perspectivas afetiva e intelectual como vias para o conhecimento de Deus tornado-as, por fim, opostas.

---

<sup>2</sup> Sobre este podemos citar: “Não é Hugo de Balma que inaugura a distinção entre *affectus* e *intellectus*, instaurando, conseqüentemente, a oposição entre a via escolástica e a via mística, mas sim, um pouco antes dele, Tomás Gallus, no grande comentário que faz à obra dionísíaca. Contudo, se Hugo de Balma é devedor das interpretações sobre Dionísio de Tomás Gallus, é também ele (Balma) o responsável pela radicalização daquelas interpretações, chegando mesmo a mostrar que a separação entre o afeto e o intelecto é não só possível como também necessária. A partir daí, o afeto e o intelecto estarão de lados opostos, e, para alguns será necessário optar entre um ou outro na experiência mística e são esses pressupostos que preparam o contexto do século XV [...]” (NOGUEIRA, 2008, p. 120)

No século XV, veremos esta querela ganhar novos personagens que, influenciados por Balma, também divulgaram suas interpretações da obra dionisiaca, são eles, Gerson, Chanceler parisiense e Vicente de Aggsbach. O primeiro deles afirmava o intelecto como única via para o conhecimento de Deus, por sua vez, Vicente de Aggsbach concebia que era pelo afeto que esse conhecimento era alcançado.

É neste contexto que veremos a motivação para a produção da obra *De visione dei*, pois, tendo a polêmica chegado ao mosteiro de Tegernsee, Nicolau de Cusa é convidado para propor um esclarecimento a esses devotos, o que ocorreu por meio da troca de correspondências que aconteceu, no entanto, antes do envio da obra mística ao mosteiro, quando os irmãos de Tegernsee tiveram acesso a outros escritos do cardeal, sendo eles, o *De docta ignorantia* e os *Sermões*. Quando mencionamos a troca de correspondência entre Nicolau de Cusa e os irmãos de Tegernsee não podemos deixar de contextualizar esse momento que se mostrou muito importante para a compreensão da obra proposta nesse trabalho.

Primeiramente, podemos elucidar que quando falamos dos irmãos de Tegernsee (apesar de se tratar de uma comunidade monacal) nos referimos de forma especial a Gaspar Aindorffer e Bernardo de Waging que tiveram conhecimento das obras de Nicolau de Cusa. O primeiro deles, Aindorffer, por meio do próprio Nicolau de Cusa que enviou para ele um exemplar de seus Sermões. Waging, por sua vez, teve contato com a obra *De docta ignorantia* na própria biblioteca do mosteiro, ficando maravilhado diante da obra.

Este seria o ponto inicial para a sucessiva troca de correspondências entre esses homens que culminaria na obra *De visione dei*, uma vez que no ano de 1452, Nicolau de Cusa enviaria uma carta com a proposta de responder a seguinte indagação feita pelo próprio Aindorffer e enviada a Nicolau de Cusa numa carta anterior: “Uma alma devota, sem conhecimento intelectual ou ainda sem uma prévia ou concomitante reflexão, pode alcançar Deus somente pelo afeto ou pelo ápice do espírito (apex mentis) a que chamam *syderesim* e ser movida ou levada para Deus de forma imediata.” (GASPAR AINDORFEER, carta (antes de 22-09-1452) p. 110)<sup>3</sup>. Não será muito difícil perceber a intenção do monge que buscava, dentre outras coisas, saber a opinião do nosso filósofo sobre a querela entre o *affectus* e o *intellectus*, como, da mesma forma, é perceptível também a intenção cusana de encaminhar os

---

<sup>3</sup> “Est autem hec quaestio utrum anima devota sine intellectus cognicione, (...) solo affectu seu per mentis apicem quam vocant syderesim Deum attingere possit, et in ipsum immediate moveri aut ferri” (Tradução NOGUEIRA, 2006, p.336-345)

monges a uma experimentação mística de contemplação do infinito através das vias tanto afetivas quanto intelectivas, uma vez que sua resposta será apresentada por meio do *De visione dei* que será enviado à comunidade monacal de Tegernsee.

## CAPÍTULO II:

### AS RELAÇÕES ENTRE AS OBRAS *DE DOCTA IGNORANTIA* E O *DE VISIONE DEI* E SUA RELEVÂNCIA NA PROPOSTA DA MÍSTICA ESPECULATIVA

Quando nos debruçamos na filosofia de Nicolau de Cusa, não podemos deixar de observar algumas de suas ideias mais relevantes que estão contidas de forma especial na sua primeira grande obra filosófica: *De docta ignorantia*. Por isso, apesar de este não ser o principal alvo deste trabalho, será de muito valor construir um panorama, mesmo que de forma sucinta, sobre tal texto, para a construção do caminho que nos levará à obra *De visione dei* que, por sua vez, e como já dissemos, envolve um dos mais elogiados níveis de especulação no que diz respeito a uma construção experiencial com o divino, inclusive no que tange à perspectiva do olhar nesta mesma experiência.

O *De docta ignorantia* foi escrito em 1440, cerca de treze anos antes do *De visione dei*. Naquele livro, Nicolau de Cusa apresenta a discussão sobre a inacessibilidade do infinito absoluto, que é Deus, por parte do finito, representado pelo homem. Esta relação desproporcional nos leva à construção de uma filosofia negativa que direciona não apenas o homem, como tudo que há a uma parte contraída do próprio Deus.

Esta desproporção faz menção ao não alcance do conhecimento humano que como tal recorre à investigação comparativa por meio da proporção para alcançar a compreensão do incompreensível, como podemos perceber nas próprias palavras de nosso filósofo: “*toda investigação cifra-se numa proporção comparativa fácil ou difícil. Eis a razão por que o infinito enquanto infinito, por subtrair-se a toda e qualquer proporção, é desconhecido.*” (NICOLAU DE CUSA, 2002, p. 148)

A citação feita por Nicolau de Cusa nos mostra a fragilidade humana diante do infinito, assim como a vontade de realizar tal tarefa tão peculiar. Para tanto, ele propõe um método que leva o título da obra discutida neste ponto do trabalho e constrói a partir do conhecimento humano, assim como pela superação deste, uma possibilidade de alcance do divino.

Esta seria uma das primeiras relações possíveis entre a obra *De visione dei* e o *De Docta ignorantia*, uma vez que ambos apelam para a representação comparativa a partir do conhecimento finito. No *De Docta ignorantia* utiliza-se de símbolos matemáticos e no *De visione dei* de símbolos sensíveis, porém, com o mesmo intuito, uma vez que, segundo

Rusconi, tanto a própria arte finita (expressa pelo ícone de Deus, obra de arte enviada por Nicolau de Cusa aos irmãos de Tegernsee junto com seu texto) como a simbologia numérica são um tipo de projeção do infinito, essa projeção pode ser percebida a partir da interação existente no próprio absoluto do qual tudo procede e ao qual se relaciona.

A partir desta perspectiva, podemos nos direcionar a conceitos muito relevantes na obra, são eles os conceitos de *complicatio* e *explicatio*, onde o primeiro é a expressão de que tudo está em Deus e nada pode estar fora dele e, nesse sentido, Deus é a máxima plenitude absoluta que tem dentro de si o “dobramento”<sup>4</sup> de tudo o que há no sentido da plenitude absoluta que tudo abarca. Como podemos ver a seguir, não exatamente na obra *De docta ignorantia*, mas na obra *De visione dei*, na qual, como propomos, também há um forte reflexo destas concepções filosóficas:

Depois disto, considera que o olhar varia naqueles que vêem, segundo a variedade da sua contração. Na verdade, nosso olhar segue as paixões do órgão e do ânimo [...] contudo, o olhar desvinculado [de Deus] de qualquer contração abraça simultaneamente e de uma só vez todos e cada um dos modos de ver, como se fosse a medida mais adequada e o modelo mais verdadeiro de todos os olhares. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p. 146)

Deus, sendo absoluto, abarca tudo o que é numa complicação perfeita que faz dele o referencial e modelo ideal que torna não só o olhar descrito na citação, mas todas as coisas contidas em sua unidade, perfeito.

Na sequência temos a *explicatio*, onde Nicolau de Cusa coloca Deus como participante absoluto diante do mundo, como essência absolutamente simples de todas as essências, das quais também é provedor, uma vez que todo o universo estrutura sua definição neste “desdobramento” do próprio Deus. Nesse sentido, o universo tem sua compreensão na *explicatio* de Deus que é o máximo absoluto.

Há, então, uma construção recíproca entre a contração e explicação do universo, pois uma vez contido (“dobrado”) em Deus, o universo encontra-se explicado também nele, tudo procede do absoluto, não há nada que esteja fora desta interação, nesse sentido a finitude (da qual não se pode excluir a alteridade) é parte contraída do infinito absoluto que se encontra explicado nela.

---

<sup>4</sup> Segundo a tradução de José Maria André, apesar da possível confusão semântica que a expressão *Complicatio* (complicação) pode causar, optou-se em manter a tradução literal do termo que vem do latim *complicare*, que tem sua derivação de *plicare* que significa exatamente “dobrar” como foi utilizado em nosso trabalho. (cf. ANDRÉ, 2012, p. 148)

Para Nicolau de Cusa tudo está complicado em Deus, ou ainda, Deus tudo contém em sua própria infinitude, pois tudo está nele; ao mesmo tempo, Ele a tudo explica, pois é a essência de todas as coisas, sendo, então, tudo aquilo que elas são. A partir dos conceitos de *complicatio* e *explicatio* podemos perceber a estrutura do próprio universo como a manifestação do ser (infinito) a partir da contração e desdobramento que procede dele mesmo.

Nesse sentido, entre Deus, essência absoluta que tudo provê, e o homem, ser finito, existe a interação contraída que apesar de vinculada a Deus, coloca este mesmo homem como infinitamente distinto de Deus, não podendo aproximar-se, na sua plenitude, deste ser divino, por se encontrar em vias inferiores. Percebendo esta construção negativista em relação ao homem, podemos levantar alguns questionamentos, como, se há uma desproporção entre o finito e o infinito, como o homem pode alcançar tal divindade?

A resposta será encontrada na própria obra *De docta ignorantia*, que como vimos se apresenta como a principal construção teológico-filosófica do pensador em apreço, que inclusive o acompanha durante toda a sua trajetória filosófica, colocando a realidade do homem em relação a Deus como inacessível na sua totalidade, pois, sendo este divino e infinito, de forma alguma pode ser representado (na sua perfeição) pelas perspectivas humanas e finitas que não alcançam as verdades infinitas. No entanto, de forma paradoxal, Nicolau de Cusa propõe uma via de acesso que não pode ser de outra forma senão pela consciência da própria ignorância, que faz os seres finitos alcançarem o infinito, ainda que seja em forma de uma *praegustatio*, transformando uma simples *ignorantia* em *douta ignorantia*.

Este é o caminho percorrido pelo filósofo alemão através de um método que, segundo André, “É um ponto de chegada sobre a condução humana perante a verdade” (ANDRÉ, 1998, p.89), onde o homem que admite sua ignorância traça os primeiros passos para a transcendência da finitude. Neste sentido, a obra *De visione dei* também apresenta as perspectivas de um tal saber que se reconhece ignorante por meios da contingência humana que, ao mesmo tempo, se torna uma realização possível a partir da condição proposta pelo filósofo: reconhecer-se ignorante é reconhecer os seus limites e somente reconhecendo estes limites pode o homem buscar ultrapassá-los.

Podemos, nesse sentido, perceber a relação de grande relevância entre o princípio da *douta ignorantia* e a obra *De visione dei*, uma vez que, segundo Beierwaltes, tal obra mística seria uma expressão desse princípio com a proposta de indicar o caminho para uma experiência com o divino. Dessa forma, podemos dizer que a obra *De visione dei* será redigida com este mesmo intuito, a partir da troca de correspondência com os monges de Tegernsee,

onde Nicolau de Cusa apresenta um possível acesso para uma experiência mística mesmo colocando a Deus em um plano infinitamente superior ao homem, tornando possível esta experiência a partir da união, ou de um equilíbrio, entre os afetos e o intelecto.

De modo basilar, podemos afirmar que esta é a ideia central no *De docta ignorantia* e que também se insere no *De visione dei*, onde há a justa aceitação do homem mediante sua inferioridade diante de Deus, no entanto, em continuidade desta reflexão, vemos Nicolau de Cusa afirmar que, apesar desta disparidade, certamente há um caminho para o homem alcançar o infinito. Não é um caminho simples, pois, como já afirmamos, existe uma barreira entre a finitude humana e a infinitude absoluta, que apenas a atividade do exercício do conhecimento e do conhecimento de si, feito do modo mais intenso que é possível ao homem, pode propor um caminho que vai do finito ao infinito.

Ora, a perspectiva humana está mergulhada na diversidade contraída que faz menção ao sensível e à racionalidade que permanecem presas ao que se mostra em sua realidade, ou seja, ao tempo, à razão, à concepção de mundo, aos objetos, e todas estas perspectivas que podem ser comparadas entre si. Porém, quando propomos uma relação com Deus que transcende toda a condição restrita e contraída, este se coloca como o Absoluto sem contração que explica todas as coisas, abraçando-as em uma unidade e se excluindo das perspectivas finitas e comparativas. Vemos, nesse sentido, que o homem nada sabe em relação a Deus, como podemos perceber a seguir:

É, pois, necessário que o intelecto se torne ignorante e se coloque na sombra, se te quiser ver. Mas, o que é, Deus meu, o intelecto e a ignorância senão a doura ignorância? Por isso não pode aproximar-se de ti, ó Deus, que és a infinitude senão aquele cujo intelecto está na ignorância, ou seja, aquele que sabe que te ignora. (NICOLAU DE CUSA, 1998, p.180)

Esta é a distância entre o homem e o ser divino: Deus explica todas as coisas que, por sua vez, não podem sequer aproximar-se desta explicação, pois é algo inatingível para este homem levando em consideração os seus próprios limites. Porém, mesmo neste estado, o homem trilha este caminho para se aproximar de seu deus numa construção relacional, admitindo-se ignorante para assim conceber a sabedoria que o transporá para um estado de união com este deus tão almejado.

### CAPÍTULO III: UMA REFLEXÃO SOBRE O OLHAR DENTRO DA TRADIÇÃO FILÓSOFICA

Seguindo a via mística, vimos que o *De visione dei*, para além de uma obra apenas especulativa, fez parte da tentativa de Nicolau de Cusa de demonstrar a possibilidade de uma experiência ascendente ao divino a partir das vias afetivo-intelectivas do homem tendo como ponto inicial os sentidos.

Utilizando-se de uma obra de arte intitulada por ele de ícone de Deus, Nicolau de Cusa mostra a visão como o sentido mais coerente para a condução desse caminho, proporcionando para nós a possibilidade de refletir sobre o olhar não apenas em seu sistema, como também na tradição filosófica, uma vez que dentro desta encontraremos não poucos pensadores que também propuseram importantes reflexões sobre este tema muitas vezes tão polêmico.

Assim, por exemplo, em sua famosa obra, *A República*, em especial no Livro VII, Platão traça o caminho do filósofo até a verdade por meio dos “*olhos cheios de trevas*” (PLATÃO, 1949, p. 318) que, ao se distanciar de seu próprio estado, ascende seu olhar para a luz do Sol na contemplação não mais de sombras ilusórias, mas dos verdadeiros objetos. Nesse sentido, não podemos deixar de reivindicar a relevância do olhar que na ascensão do mundo sensível ao inteligível foi utilizado como instrumento de maior relevância.

Por sua vez, Plotino também se utiliza do olhar como valoroso instrumento de interrelação com o Uno. Segundo Bezerra, a própria idéia de união mística em Plotino designa o ato de ver, quando o ser e o ver tornam-se apenas um na “*contemplação [...] descrita como um entrar paulatino num palácio adornado com belas estátuas, semelhante ao filósofo que passo a passo sai da caverna [alusão a alegoria da caverna de Platão, citada neste trabalho] contemplando primeiro as sombras para, por fim, ver a luz do sol.*” (BEZERRA, 2006, p.88–89).

O olhar plotiniano constrói seu caminho místico mediante a ascensão do que é conhecido dentro da existência humana até a chegada ao fundamento ontológico, que é o próprio Uno, e mesmo neste estágio utiliza-se do olhar como intermediário na experiência. Dentro desta perspectiva, Nogueira vai afirmar que o olhar é representação marcante nas *Enéadas* plotinianas, podendo isto ser verificado quando citamos pelos menos uma delas, na qual ele expressa: “*A beleza se dá, primeiramente no âmbito da visão*” (NOGUEIRA, 2003, p.71). Nesse sentido, podemos perceber a importância do olhar na construção filosófica dos antigos, uma vez que eles se utilizam deste sentido como instrumento para o encontro com a verdade.



Percorrendo o contexto medieval, podemos perceber que Santo Agostinho, grande representante desta época, também pode nos trazer uma perspectiva sobre o olhar, porém, ao contrário do que vimos até agora, ele coloca a visão associada ao pecado e às “*seduções da vista*” (AGOSTINHO, 2000, p.295), onde o homem busca tudo o que lhe parece belo, esquecendo-se de que é de Deus que toda beleza procede, desprezando a luz divina percebida por grandes homens que se tornaram servos de Deus.<sup>5</sup> E é no sentido de contrição que Agostinho escreve:

Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a amenidade das cores. Oxalá que tais atrativos não me acorrentassem a alma! Oxalá que ela só fosse possuída por aquele Deus que criou estas coisas tão belas! O meu bem é Ele, e não as criaturas que todos os dias me importunam acordado, não me dando descanso, como o dão as vozes dos cantores, que por vezes ficam todas em silêncio. (AGOSTINHO, 2000, p. 294)

O desejo agostiniano tem sua construção na perspectiva de que a concupiscência dos olhos faz o homem esquecer-se de Deus, atraído pelos encantos da exterioridade, sendo levado, assim, para longe do olhar de Deus. No entanto, esta construção metafórica dentro da relação olhar divino e olhar humano não para por aí, uma vez que o próprio Agostinho ao declarar que, apesar de tudo, a misericórdia divina está diante os seus olhos (AGOSTINHO, 2000, p. 296) e traz para o artifício do olhar a ideia de uma salvação também por este sentido visual.

É nesta construção que será possível perceber o que André chamou de uma metafísica da luz, no qual o conhecimento se faz a partir da experiência que envolve o olhar tal qual a experiência de Paulo (o apóstolo) ao tornar-se cego e posteriormente voltar a ver após uma experiência diante da luz da divindade expressa em Jesus Cristo.

Adentrando agora na contemporaneidade, podemos citar o discurso sartriano que nos mostra a conturbada relação entre o “eu” e o “outro” que se dá através do olhar que, distante de ser uma percepção do próprio ser, se apresenta como uma exposição, ou nas palavras de Silva, uma materialização diante do “outro”, uma vez que o olhar deste “outro” traz a representação de um “eu” objeto que não pode escapar de ser percebido e analisado.

Nesse sentido, podemos falar de um incômodo do olhar (SILVA, 2009, p. 90) que constrói no ser o impacto da percepção do “outro” em sua representatividade invasiva que resulta no “eu” uma inferioridade conflitante diante do “outro”. Sobre esta perspectiva, Silva afirma:

---

<sup>5</sup> Neste capítulo das *Confissões*, Agostinho se detém a alguns nomes de relevância dentro do contexto bíblico, como é o caso de Isaque e Jacó.

Estão diante do ser não revelado de ambos sem onde se apoiar, se esconder– a liberdade de ambos está comprometida com a presença inquietante e perturbadora e com o perigo eminente de uma descoberta não permitida, mas invadida de tal forma que chega a ser sufocante. E esse perigo não é um acidente, mas, estrutura permanente de meu ser- para- outro. (SILVA, 2009, p. 89)

Sartre nos mostra, nesse sentido, a construção existencial de um ser que reciprocamente se envolve com o olhar do outro na própria representação do “eu” que existe no mundo e que, portanto, não pode livrar- se desse olhar que o percebe.

Deste modo, vemos o caminho do olhar trilhado por cada filósofo, cada um a sua maneira, da mesma forma que Nicolau de Cusa, dentro de sua obra *De visione dei*, construirá também sua filosofia do olhar mediante a construção de uma experiência que permeia as vias sensíveis deste mesmo olhar e avança até os altos níveis intelectuais que proporcionam a concretização do alcance do divino pelo homem.

**CAPÍTULO IV:**  
**DE VISIONE DEI: UMA PEDAGOGIA PARA A EXPRESSÃO DE UMA**  
**EXPERIÊNCIA COM O INFINITO**

*No De visione dei*, como já retratamos brevemente, Nicolau de Cusa envereda pelas vias da mística com a pretensão de demonstrar aos monges de Tegernsee uma solução dentro da disputa entre o afeto e o intelecto como vias ao divino. No entanto, indo mais além, podemos perceber que mais do que oferecer uma solução, Nicolau de Cusa propõe a demonstração possível para que aqueles viessem a partir da experiência que ele propõe a ter um contato com a solução desta disputa tão acirrada. É por isso que o próprio Nicolau de Cusa assim se expressa:

Mostrar-vos-ei agora, irmãos dilectíssimos, o que antes vos havia prometido sobre a facilidade de teologia mística. Considero que vós, conduzidos, como sei, por um grande amor a Deus, sois dignos de que vos seja mostrado este tesouro tão precioso e maximamente fecundo; e rogo, antes de mais, que me sejam dadas as palavras mais elevadas e o discurso onnipotente, o único que a si próprio se pode manifestar, a fim de que me seja permitido narrar segundo as vossas capacidades de compreensão, as coisas admiráveis que se mostram acima de toda a visão sensível, racional e intelectual. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p. 137)

A condução citada por Nicolau de Cusa faz referência a uma experiência que se pauta, pelo menos em seu início, nas perspectivas da construção cognitiva do homem que podemos conceber como o afeto e o intelecto, porém, indo por um caminho diferente dos filósofos citados até este momento e que vieram consolidar a disputa entre estas mesmas vias, Nicolau de Cusa traça uma ligação entre ambas as perspectivas citadas e mesmo quando vemos na própria obra cusana uma forte alusão ao que Nogueira observa como expressões sobre o conceito de amor (dentro do *De visione dei* encontramos a palavra *amor* cerca de 257 vezes) (NOGUEIRA, 2008, p. 152), logo vemos que aquela dualidade é desconsiderada quando há uma noção de amor que participa sim da construção experimental contida na proposta cusana, porém, na mesma proporção de importância, temos também a atuação do intelecto para a concretização da transcendência.

Nesse sentido, vemos que Nicolau de Cusa inova de forma brilhante a perspectiva sobre o acesso a Deus quando este insere as duas vias em conjunto na construção deste acesso. Todavia, ele não para por aí e expõe ainda uma condição para a realização desta

experiência que se encontra no acréscimo de um dos sentidos: o sentido da visão como ponto inicial para a transcendência.

Nosso filósofo não se detém em apenas uma via (racional ou intelectual) para alcançar seu objetivo, antes é a união de ambas, direcionado pela visão, que conduzirá o homem a oportunidade de compreender o que é incompreensível apenas pelos sentidos, a razão ou o intelecto, mas torna-se realizável quando unem-se os três momentos da experiência num mesmo propósito. Este é, então, um caminho ascendente da alteridade múltipla do homem para a unidade absoluta de Deus que tem seu ponto de partida na simplicidade da experiência visual, a partir de um olhar que busca a contemplação na superação de si, dentro das perspectivas da razão e do intelecto, numa interrelação que não tem outra finalidade que não seja alcançar o infinito através de uma experiência que segundo Nogueira representa-se no viés de uma práxis afetivo-intelectiva ou ainda segundo André:

Trata-se de um escrito cujo estilo, atingindo momentos de rara beleza, procura colocar o leitor num contacto privilegiado com a experiência mística da sua finitude imersa no horizonte inexaurível e inatingível da plenitude infinita de Deus e por ela iluminada no seu tateante desejo de auto-superação numa projeção permanente para a fonte inesgotável de um olhar que é criação, vida e acto absoluto de todas as possibilidades da visão humanamente contraída. (ANDRÉ, 2012, p.103)

Temos, então, um caminho a ser percorrido e superado, pois os entes finitos não poderiam abarcar a plenitude de Deus, mas é a partir deles que a experiência pode ser realizada, buscando principalmente a superação desses mesmos entes para a contemplação do divino.

É nesse sentido que veremos Nicolau de Cusa enviando aos monges de Tegernsee não apenas sua obra mística, mas também uma obra de arte intitulada ícone de Deus, onde, a partir de ambos, ou seja, da obra de arte e de um texto especulativo, será possível seguir explorando o artifício do olhar (finito por se encontrar num quadro), mas, ao mesmo tempo, representa também o olhar divino (já que se trata de uma representação do infinito). Ele une, assim, sensibilidade e especulação intelectual para a construção do que estamos chamando de uma *mística do olhar* que, do nosso ponto de vista, procura traçar uma relação dialógica entre o olhar finito e o olhar infinito, repensando, conseqüentemente, as relações entre o humano e o divino. Como podemos ver a seguir:

Todavia para que vós não desfaleçais na prática que tal figura sensível exige, envios, pelo afecto que vos tenho, o quadro, que pude obter, que representa a figura de alguém que olha tudo em redor, figura essa que chamo de ícone de Deus. Pendurai-o num lugar qualquer, por exemplo, na parede do lado norte, e colcai-vos, irmãos à sua volta, à mesma distância dele, olhai-o e cada um de vós experienciará, seja qual for o lugar a partir do qual o contemple, que é o único a ser olhado por ele. (NICOLAU DE CUSA, 1998, p.135 -136)

O envio do quadro pode ser entendido como um recurso didático utilizado por Nicolau de Cusa para que através dos sentidos (e de forma mais especial, a visão), os monges pudessem perceber a dimensão indecifrável do ser divino e como ela se coloca diante do homem. Seguindo assim as indicações feitas pelo filósofo, os monges deveriam se distribuir na mesma distância ao redor do quadro e perceber o olhar desta imagem. A impressão que se tem quando se olha para o quadro reflete a perspectiva do olhar de Deus para o homem, onde, de forma única, o ícone de Deus olha para todos os homens distribuídos ao seu redor como se fossem esses os únicos, numa experiência de analogia entre o olhar real (e absoluto) e a construção metafórica posta por Nicolau de Cusa que ao utilizar o quadro traz junto dele a interrelação entre o olhar mutável e o olhar imutável, unidos num paradoxo que traz consigo ao mesmo tempo o olhar da contingência que se mostra mergulhado na diversidade dos olhares contraídos e o olhar absoluto que, sendo livre de toda a contração, supera todos os tipos de olhares, sendo assim o modelo mais verdadeiro, ou, ainda, a medida para todo o olhar.

Podemos então nos admirar, juntamente com os monges de Tegernsee, que daquela atividade participavam, e fazer o seguinte questionamento: como pode o mesmo quadro olhar para todos com intensidade tão plena? Como pode um único olhar contemplar a todos ao mesmo tempo e dar a sensação de olhar particularmente para cada um na sua individualidade? A partir desta perspectiva podemos adentrar numa reflexão sobre a perspectiva do olhar dentro da filosofia cusana no *De visione dei*, pois, como já temos afirmado, esta obra é uma proposta do cardeal alemão para uma experiência do absoluto por meio do sentido visual, ou ainda, é o esforço de uma ascensão mística para a contemplação do olhar infinito que tudo percebe em totalidade, por meio de um olhar que é infinitamente contraído em Deus.

Tratamos aqui de uma tentativa para a realização do cruzamento de olhares que transcende toda a racionalidade humana através da contemplação do ícone de Deus. O próprio autor afirma que a mediação sempre se mostra aquém do real olhar divino, pois, segundo Nicolau de Cusa: “*Em primeiro lugar, julgo dever pressupor-se que nada pode aparecer em*

*relação ao olhar do ícone de Deus que não seja mais verdadeiro no verdadeiro olhar de Deus”* (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.144).

Porém, mesmo com tal distanciamento entre a obra de arte e o olhar de Deus, é possível uma iniciação sensível para o caminho da transcendência. Assim, acreditamos que esta atividade de contemplação mostra-se muito válida, pois, a partir desta experiência que tem início no sensível, pode-se caminhar pela via da especulação até chegar à transcendência almejada, pois isso tem início no olhar, quando *“a imaginação do que está a oriente de modo algum consegue compreender que o olhar do ícone se dirija para um outro ponto, seja para ocidente, seja para sul”*. (NICOLAU DE CUSA, 1998, p.136).

Deste modo, podemos entender o método de condução de Nicolau de Cusa na obra *De visione dei* como um método pedagógico que, recorrendo ao olhar, propõe uma condução que envolve também um cuidado e dedicação de ambas as partes, dentro de um método que tem como fim um aprendizado que conduz os monges ao encontro com o infinito pela mediação dos sentidos. Esse é o interesse afirmado por Nicolau de Cusa no envio da correspondência aos irmãos do mosteiro, que ao contemplarem a obra de arte e o texto especulativo tem a oportunidade de abrir-se para o infinito, num intercâmbio que acontece dentro da experiência que se expressa a partir do diálogo que tem seu início com o sentido da visão que conduz inicialmente todo esse caminho ao absoluto.

**CAPÍTULO V:  
OS ELEMENTOS SENSÍVEIS DENTRO DO CRUZAMENTO DE OLHARES NA  
EXPERIÊNCIA MÍSTICA**

Dando continuidade ao nosso estudo sobre a mística no *De visione dei*, vemos a proposta de Nicolau de Cusa que evidencia o sentido da visão como questão fundamental para pensar o olhar que, mesmo dentro da disparidade finito/infinito, pode encaminhar o homem na experiência mística, num cruzamento de olhares que tem seu ponto inicial na contingência, mas alcança a infinitude por meio da especulação e superação da infinitude. É nesse sentido que Nicolau de Cusa apresenta a obra de arte, o ícone de Deus, como mediadora juntamente com o texto especulativo (que dá nome à obra em questão) que desenvolve um trilhar dentro da discussão mística que demonstra aos monges de Tergensee a possibilidade de contemplar o olhar de Deus a partir do exercício que tem início no próprio olhar sensível do homem. Desta forma, trataremos agora sobre o sentido da visão em conjunto com os demais elementos finitos que participam da experiência ao longo da obra e que se mostram de grande importância no exercício da transcendência, são eles, a razão e o afeto.

A obra de arte como representação do olhar de Deus dentro do método comparativo torna-se, segundo Nicolau de Cusa, mediador para a transcendência dentro do âmbito da *sensibili apparentia* quando este é posto como representação simbólica do olhar absoluto que surge enlaçado (porém não subjugado por se tratar de um símbolo contraído) ao fenômeno sensível que possui, nesse momento, um fim muito além de sua própria existência contraída, pois olhamos para ela (obra de arte) com a intenção de transcender ao absoluto, num intercâmbio de experiências onde, contemplar o olhar da obra de arte é o ponto inicial para a transcendência gradativa que se apega, inicialmente, a sua aparência sensível e progride, a partir dela como um ponto de partida que precisa ser superado para a consolidação desta experiência, como podemos perceber nas palavras do cardeal alemão quando ele diz: “*Estou perante a imagem da tua face, Deus meu, que vejo com os olhos sensíveis, e tento intuir, com os olhos interiores, a verdade que está representada na pintura.*” (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.177).

A intuição citada aqui nos mostra o momento inicial desta experiência contemplativa, onde o olhar ainda é o olhar sensível que, como dissemos, está pautada nos entes contraídos que não conseguem abarcar a sumidade absoluta do olhar de Deus por causa de sua própria restrição posta pela contração finita. Nesse sentido, nem a visão (ou qualquer outro sentido

humano) ou mesmo a razão, podem compreender Deus que é unidade absoluta, sem o exercício proposto por Nicolau de Cusa, onde o olhar segue em progressão do sensível, passando pela razão (com a ação também do afeto) até chegar ao intelecto onde a experiência que transcende a própria contingência chega a seu ápice. No entanto, para que a experiência seja realizada é necessário uma interação entre estas instancias onde os sentidos obedecem à intuição racional para se distanciar de si em direção ao olhar divino, alcançando à instância intelectual.

Deste modo, podemos retomar aqui uma discussão realizada no início de nosso trabalho que também representou a questão chave para o envio da obra *De visione dei* para os monges de Tegernsee: a disputa entre o afeto e o intelecto como vias genuínas a Deus. Entendemos que Nicolau de Cusa opta por um equilíbrio entre estas vias que conduzem à progressão (e que são muito importantes na demonstração cusana) e não uma dualidade que foi bastante divulgada em sua época.

Nesse sentido, se tratando da razão, Nicolau de Cusa afirma que: “[o olhar de Deus] é o máximo absoluto de todo o desejo racional, o qual não pode ser maior” (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.153). A experiência sensível ganha, assim, uma nova dimensão diante do olhar absoluto que gera no homem o desejo racional que busca ver aquele que vivifica, inflama e alimenta (cf. NICOLAU DE CUSA, 2012, p.153) num saborear que se concretiza apenas no olhar de Deus. Nesse sentido, uma valorização do entender (que aqui tentamos relacionar com o desejo racional) que afirma a idéia de uma experiência não pelas vias de um arrebatamento ou êxtase místico, mas por uma via reflexiva que, segundo André, transita entre o discurso místico e o discurso filosófico (cf. ANDRÉ, 2012, p.129) onde um discurso suscita ao outro sua própria voz, numa busca que se faz da mística diante da reflexão filosófica e da filosofia diante do discurso indecifrável da mística. Por isso é importante a concepção do entender/compreender racional no método proposto pelo cardeal alemão, onde podemos retomar o conceito chave da filosofia cusana exposta no capítulo dois deste trabalho, quando relacionamos a obra *De visione dei* ao método da douta ignorância (na obra que leva este mesmo nome) onde há uma consciência do não saber e, para esta, se faz necessário também o uso da razão.

Feito estes devidos esclarecimentos sobre o âmbito da razão na perspectiva de Nicolau de Cusa, podemos voltar às discussões sobre o olhar, agora nos atendo dentro da perspectiva do afeto, numa construção onde este mesmo olhar já não se apresenta do mesmo modo que no início da experiência, pois, indo nesta progressão, ele atinge altos níveis de especulação que podem ser percebidos nas palavras de Nicolau de Cusa:



Experiencia, assim, que o rosto imóvel se move simultaneamente tanto para o oriente como para o ocidente, tanto para o norte com para o sul e tanto para um lugar como para todos ao mesmo tempo; e que olha tanto para um lugar como simultaneamente para todos. E enquanto considera como aquele olhar não abandona nenhum, vê que ele terá diligentemente tanto cuidado como se se preocupasse só com aquele que experiência ser visto e com nenhum outro dum modo tal que aquele que olha não pode conceber que ele tenha cuidado com qualquer outro. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.141)

Nicolau de Cusa nos traz, nesse momento, uma experiência diferente da anterior, pois está em pleno ato de transcendência, onde mais do que ver o olhar do ícone como imagem sensível, ele percebe o próprio olhar de Deus pela *visio-intellectualis* que afastando-se e superando a *sensibili apparentia*, na contemplação especulativa, nos mostra um olhar que segundo Beierwaltes, aponta para um abrir do próprio sujeito ao sujeito absoluto dentro de uma dinâmica de renúncia de si num paradoxo entre a capacidade e a incapacidade que rompe a própria limitação, assim como a própria diferença entre o finito e o infinito, numa relação que aproxima estas duas instâncias tão distintas.

Nesse sentido, não é por acaso que tratamos de uma renúncia de si dentro da percepção do olhar de Deus e do homem, uma vez que, sendo o primeiro o olhar absoluto e infinitamente superior a toda concepção humana, promove neste mesmo homem um trilhar pela via transcendente, numa experiência que tem seu início na instancia finita, mas segue no distanciamento da própria finitude até o infinito para a consolidação da experiência que abrange não apenas um olhar infinitamente penetrante, mas também um amor que, para autores como Cassirer, nos traz a percepção de união entre a *visio-intellectualis* e a ideia de uma filiação divina<sup>6</sup>. Este amor é percebido no *De visione dei* a partir do olhar que não abandona e participa da relação mística descrita pelo pensador alemão quando ele expressa:

Aproxima-te agora, irmão que contemplos, do ícone de Deus e coloca- te primeiro a oriente, depois a sul e finalmente a ocidente. E porque o olhar do ícone te olha igualmente em todo o lado e não te abandona para onde quer que dirijas, em ti será estimulada a especulação [...] Com efeito, se me não abandonas a mim, que sou o mais desprezível de todos, jamais abandonarás quem quer que seja. Assim, estás com todos e com cada um, tal como em todos e cada um está presente o ser sem o qual não podem ser. Pois tu, ser absoluto de tudo, estás com todos, como se não cuidasse de nenhum outro. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p. 150)

---

<sup>6</sup> Ernest Cassirer utiliza a expressão, *filiatio*, (do latim) para conceber a concepção de uma relação com o ser divino que não apenas é originador, mas é também o mantenedor de todas as coisas, numa perspectiva metafísica que segundo Nogueira é “fundadora porque Deus vê e cria, capaz de expressar o amor porque Ele vê e cria enquanto ama.” (NOGUEIRA, 2008, p.186)

Ao distribuir os monges ao redor da obra de arte vemos não apenas a impressão de um olhar exclusivo para cada um, mas também a expressão do amor que da mesma forma se mostra contínuo em seu cuidado que se mantém individualizado quando cada um se percebe prontamente observado por um olhar que permanece e que coincide com o amor que não se desvia. Nesse sentido, não podemos deixar de notar que, de forma brilhante, Nicolau de Cusa nos guia não apenas à experiência especulativa, mas também para concepções ontológicas do absoluto que estão contidas no ver, representado pelo quadro, onde o olhar, o amor, o falar, o ouvir e demais atribuições que no homem são diversas (e contraídas) apresentam-se unas em Deus, onde o olhar e o amar são a mesma coisa dentro da unidade contraída nele. É nesse sentido que Nicolau de Cusa afirma: *“E porque o teu amor está sempre comigo e o teu amor não é diferente de ti próprio, que me amas, por isso tu, Senhor, estás sempre comigo. Tu não me abandonas, Senhor. Em toda a parte me proteges, porque cuidas de mim com a máxima diligência.* (NICOLAU DE CUSA, 2012, p. 151).

A percepção do amor de Deus está no olhar que não abandona, sendo o olhar também o amor que cuida, protege e acompanha o homem enquanto este mesmo tem vida, da mesma forma, a metáfora do olhar do ícone de Deus mantém o homem no foco de sua visão, numa associação onde predomina o amor, como escreve Nogueira:

Abandonar alguém significa: fechar os olhos para essa pessoa (por isto, Deus jamais fecha os olhos); uma total falta de atenção (por isto, os olhos de Deus estão sobre nós, com a maior das atenções); uma total falta de misericórdia (por isto, o olhar de Deus não é diferente da sua misericórdia); uma total falta de respeito (por isto, Deus olha para a mais pequena das criaturas como se fosse a mais importante); e ainda, uma total falta de amor (por isto, e esta idéia ainda não havia aparecido de forma explícita, a visão de Deus é amar e assim, onde estão os olhos está o amor). (NOGUEIRA, 2008, p.191)

Deste modo, podemos ver que a concepção de equilíbrio proposta por Nicolau de Cusa torna-se viável e, mais do que isto, imprescindível para a realização da contemplação mística, onde o homem percebe de forma sensível o olhar de Deus pela representação no quadro e, levado pela razão e pelo amor, inicia o exercício de intuição que alcançará a contemplação divina por meio dos altos níveis de especulação, onde se reconhece o amor de Deus por meio da continuidade do olhar que está representado no quadro.

Este exercício não poderia ser desenvolvido sem esta interação das instâncias finitas apresentadas por Nicolau de Cusa, que apesar de se encontrarem na diversidade contraída, seguem em esforço e superação na intenção de transcender até o infinito. Por isso, tratamos de uma superação dos entes finitos na concepção de um dos mais elevados níveis de especulação,

onde o homem pode colocar-se frente a Deus, num exercício onde o sensível, a razão e o amor são evidenciados não de forma excludente, antes, pelo contrário, de forma integrada dentro da experiência que representa a unidade do absoluto na concepção de uma unidade nos opostos onde, mesmo dentro da contingência diversa, existe a possibilidade de uma experiência mística com a unidade infinita. Isto seria o que Beierwaltes coloca em sua obra sobre a mística cusana, *Reflexión Metafísica y Espiritualidad*, como um enobrecimento do finito que passa a ser um participante importante na experiência mística, onde tanto o olhar e os demais entes finitos ganham relevância indispensável para a consumação do cruzamento de olhares tão distintos.

### 6.1 UMA MÍSTICA DO OLHAR NA EXPERIÊNCIA ESPECULATIVA

Tendo exposto a proposta de Nicolau de Cusa que envolve os elementos sensíveis na construção de uma mística que traça uma ligação entre o finito e o infinito através da transcendência, vemos a importância de expor agora alguns pontos de grande relevância sobre a concepção da mística cusana que traz a idéia de uma mística do olhar.

Quando pensamos numa mística não podemos desconsiderar a perspectiva de união que existe entre o homem e Deus. Esta concepção nos traz a idéia de uma interação concebida pelos conceitos de *complicatio* e *explicatio*, onde tudo que existe está interligado com o divino que, como tal, abarca em si toda a contingência numa relação intensa que já discutimos e que aqui ganha um enfoque especial na proposta de uma mística relacional entre o homem e Deus que envolve tanto a razão dentro do contingente finito como o amor infinito numa busca de superação de si em favor do encontro com o ser infinito. Nesse sentido, vemos em Nicolau de Cusa a condução que se desenvolve numa experiência mística dentro de um pré-saborear (por se tratar de uma relação finito-infinito) que traz a perspectiva do amor de Deus para o homem que, reconhecendo este amor, não exita em progredir para além de sua contingência finita, em função do olhar que permanece em contínua atenção, numa mística que é concebida pela experiência, como podemos ver a seguir:

Quão grande é a profusão de tua doçura, que escondeste para aqueles que te temem. Com efeito, ela é o tesouro inexplicável da mais feliz alegria. Por isso, saborear a tua própria doçura é apreender num contato experimental a suavidade de todos os bens agradáveis na sua origem, é atingir a razão de todos os bens desejáveis na tua sabedoria. Ver, pois, a razão absoluta, que é a razão de todas as coisas, não é senão saborear-te mentalmente a ti, Deus, por que és a própria suavidade do ser, da vida e do intelecto. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.154)

Percebemos aqui a experiência mística que tem sua representação no afeto que forma no homem o desejo de busca por um amor que é sumamente perfeito e que concede ao homem todo o cuidado e atenção. No entanto, não poderíamos deixar de conceber, como já foi dito, a razão dentro desta experiência, uma vez que, em Deus, tanto esta razão quanto o amor estão imersas em sua unidade e deste modo enfatizam também no homem não apenas a expressão de afeto, mas a concepção racional que também se mostra indispensável para a consolidação da experiência mística, onde o saber contingente deve trilhar um caminho de auto-superação para que possa, assim, apreender o saber absoluto.

Sabemos que esta concepção mística não é algo exclusivo do pensador alemão, pois pode ser também percebida em outros grandes filósofos que foram fortes influências para ele e que o ajudaram em sua construção filosófica dentro da assimilação entre a contingência e o infinito, demonstrada na concepção de encontro entre o homem e Deus, onde coincidem os opostos (no sentido adotado entre a disparidade entre o finito e o infinito) e, deste modo, proporcionam a relação mística onde o conhecimento humano é suscitado, porém, na concepção que se coloca a partir de um não saber, ou ainda num não pensar que nos mostra um intelecto que se percebe ignorante diante da sabedoria infinita, se tornando sábio justamente a partir da percepção do não conhecer que fundamenta e encaminha o homem para uma experiência mística que retrata a superação deste mesmo homem diante de sua contingência em direção ao infinito. Tais concepções são muito pertinentes a nossa discussão, uma vez que representam uma das ideias embrionárias da mística cusana que envolve também sua teoria da *docta ignorantia* quando, na consciência de sua ignorância é que a alma atinge a superação de ser contingente para o alcance de Deus, numa investigação realizada em busca do conhecer que, em se tratando de Deus, será infinitamente desconhecido.

Na discussão do *De visione dei* esta concepção se acentua ainda mais quando Nicolau de Cusa insere os sentidos como instrumentos para a transcendência que justifica o envio da obra de arte e do texto especulativo ao mosteiro que, como vimos, traz o acesso dos

monges de Tegernsee à mística-teológica presente na perspectiva de contemplação de Deus, contida em sua obra, que enobrece e valoriza os sentidos num caminho que passa pelas vias filosófico-teológica e alcança os mais altos níveis de especulação metafísica. Deste modo, vemos uma mística que, como tal, mergulha numa experiência imersa no desejo de contemplação, mas que permeia o olhar e utiliza este como arcabouço para a construção relacional do homem com Deus utilizando-se do sentido da visão que desenvolve nos demais sentidos o desejo da busca pelo divino, numa experiência de superação da própria finitude. Tal experiência substitui uma teologia racional (permeada de uma concepção dentro da lógica do finito) por uma teologia mística. Esta traz a possibilidade de alcançar a transcendência do infinito inacessível que vai além de um conceito contingente e que nos mostra uma consciência em relação ao infinito que precisa ser superada para que a experiência almejada aconteça, como podemos perceber na fala a seguir:

O ver a Deus passa a ser experienciado num certo arrebatamento mental, porque se a própria visão não se sacia com o olhar, diz o Cardeal, nem o ouvido com o ouvir, menos ainda se saciará o intelecto com o entendimento. É devido a isso que o intelecto não pode se saciar com o que conhece, mas, apenas com aquilo que, não entendendo, entende. (ANDRÉ, 2012, p.108 e 109)

Tratando então de uma união entre o homem e Deus, temos uma interação que envolve o amor insaciável juntamente com a razão numa relação entre a sensibilidade e a especulação que permeia o olhar, visando o fim na experiência mística que pode ser interpretada como uma relação intensa entre estes dois seres que diante desta especulação propõe a superação da concepção finita à caminho da transcendência existente em Deus. É válido ressaltar que esta experiência mística em Nicolau de Cusa ganha um aspecto ainda mais peculiar na obra *De visione dei* com a inserção dos sentidos como instrumentos para a consolidação desta experiência que torna tal obra não apenas um tratado místico especulativo, mas nos traz uma experiência que segue uma direção também prática posto que nos mostra o cruzamento dos entes finito e infinito, passando por valiosos instrumentos de percepção sensível (entre eles o olhar) numa *práxis experimentalis* dentro da mística. Nicolau de Cusa se utiliza, portanto, da obra de arte e de um texto especulativo, explorando o artifício do olhar (finito por se encontrar

num quadro), mas, ao mesmo tempo, representando o olhar divino (já que se trata de uma representação do infinito), unindo, assim sensibilidade e especulação intelectual para a construção do que estamos chamando de uma *mística do olhar* que envolve não apenas os sentidos ou a especulação, mas ambos, numa relação que segundo Reinhardt nos mostra uma união da alma humana com o Verbo Divino, numa teoria do conhecimento (concebida pela razão) que ascende até a mística, onde a experiência nos traz uma mudança que segue a mesma mudança de foco que o olhar adquire ao desapegar-se gradativamente da visão contingente e apegar-se à visão de Deus através da especulação, numa relação que nos traz uma concepção de diálogo entre estes dois olhares tão distintos.

Esta relação mística se assemelha também ao que Sudbrack retrata quando relaciona a verdadeira luz e os vitrais coloridos das igrejas medievais, onde a luz é a representação de Deus que, mesmo em sua infinitude, não deixa de apresentar-se ao olhar finito a partir da transcendência especulativa que contempla a luz pura sem a necessidade de vitrais, através de um olhar que transcende sua própria contingência, como podemos perceber nas suas palavras:

Essa luz pura é a própria visão. As religiões oferecem apenas a luz fragmentada que passa através dos vitrais coloridos. A mística/religião, como ele [Willis Jager] a defende, seria a unificação com a luz ainda não fragmentada pelos vitrais, portanto, oferecia o verdadeiro acesso divino, que falta às religiões. (SUDBRACK, 2007, p.15)

O caminho percorrido por Nicolau de Cusa para a contemplação do olhar absoluto é compartilhado com a metáfora da luz pura representada por Sudbrack, numa mística que se mostra atuante, na gradação que segue, dispensando cada constituição sensível até ascender à visão absoluta, sem vitrais ou instrumentos sensíveis, pois já alcançou altos níveis de especulação.

## 6.2. EM BUSCA DE UMA RELAÇÃO ENTRE OS OLHARES FINITO E INFINITO

A partir do nosso estudo acerca do *De visione dei* com a proposta de uma mística do olhar na busca da relação dialógica entre o olhar finito e infinito, chegamos a intenção de responder, dentre outros questionamentos feitos neste trabalho, a pergunta: como pensar a transcendência humana a partir da percepção do cruzamento de olhares desproporcionais que, entretanto, tem seu ponto de partida nos sentidos, mais especificamente, nos sentidos da visão?

Ao longo de nossa discussão percebemos alguns dos pontos iniciais para a compreensão da mística de Nicolau de Cusa que, como vimos, também participa de sua teoria do conhecimento que é desenvolvida não apenas no *De visione dei*, mas nos demais escritos de nosso autor. Sobre tais considerações nos deteremos de modo especial na interação do olhar dentro da experiência mística que nos traz uma concepção inovadora dentro desta temática, com a valorização dos âmbitos finitos (incluindo o sentido do olhar) na participação para a experiência transcendente. Esta participação dos âmbitos contingentes numa experiência transcendente se apresenta dentro de uma dinâmica de progressão, onde os sentidos, a razão e o afeto servem de arcabouço ao ascender o olhar do homem rumo à contemplação do divino, trilhando, numa auto-superação, um caminho de desenvolvimento dentro desta relação que é aproximativa, uma vez que, apesar de demonstrar olhares que não se equiparam, Nicolau de Cusa nos mostra o que também é percebido pelos monges de Tegernsee dentro da construção do *De visione dei*, que é a percepção de olhares que, mesmo tão diferentes, se cruzam numa concepção que abarca a idéia de reciprocidade, onde estes mesmos olhares nos trazem um olhar que olha e ao fazê-lo, se percebe neste mesmo olhar observado, um vínculo relacional intenso.

Esta reciprocidade é apresentada a partir da percepção de ver e ser visto, numa atividade que é ativa e passiva, onde este mesmo dinamismo do olhar incorpora o próprio ato de ver na experiência que mostra, segundo Beierwaltes, um dos aspectos indissociáveis da possibilidade de uma dialógica entre os âmbitos do finito e do infinito. Percebemos esta sincronia de olhares também quando Nogueira retrata Mestre Eckhart quando o mesmo diz: “O olho com o qual eu vejo Deus é o mesmo olho com o qual Deus me vê: meu olho e o olho

*de Deus são um único olho e uma única visão e um único conhecer e um único pensar”*  
(NOGUEIRA *apud* MESTRE ECHKART. 2008, p. 158 -159)

A citação echkartiana utilizada por Nogueira compartilha a concepção de Nicolau de Cusa em sua construção para a mística do olhar, onde a idéia da experiência de união alcança níveis elevados que nos trazem a concepção de olhares que se fundiram em um só e que torna o olhar da criatura o olhar de seu criador, num equilíbrio que traz à tona a dialógica de olhares que anteriormente se mostravam divergentes, mas que agora seguem na idéia de uma *visio dei* que tanto pode ser é olhar do homem para Deus (genitivo objetivo), como o olhar de Deus para o homem (genitivo subjetivo), numa reciprocidade de olhares que tanto praticam quanto participam da experiência.

No entanto, apesar desta interação não podemos deixar de pensar na concepção de identidade/unidade divina em contraponto à diferença contingente que abarca as instâncias do finito e do infinito, pois Deus, sendo sumamente uno, não poderia conceber a pluralidade contingente que se mostra inferior a este, mas que porém, são interligados quando retomamos as concepções da *complicatio* e da *explicatio* que torna a mesma contingência participante da essência divina explícita na *explicatio* (com suas devidas colocações), sem deixar o seu plano de desproporção que fundamenta toda a concepção de experiência mística em Nicolau de Cusa, assim como o anelo do homem em relação a Deus que, para Beierwaltes, consolida a representação que supera a idéia de simples busca e incorpora o desejo de ver Deus dentro da experiência na qual o próprio Nicolau de Cusa expressa:

Tu, Deus, és pois a própria infinitude, a única coisa que desejo em todo o desejo, não podendo aproximar-se mais da ciência dessa infinitude, já que sei que esta é infinita. Por isso, quanto mais incompreensível te compreendo, tanto mais te atinjo, porque mais atinjo o fim do meu desejo. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.195)

Nesse sentido, o cruzamento dos olhares diferentes chegam a um nível tal de especulação, dentro da idéia simultânea de ver e ser visto, que a concepção de âmbitos opostos seguem na gradação que qualifica e “*des-limita*” ( cf. Beierwaltes. 2005, p.263) as barreiras existentes, à medida que o olhar aproxima-se de uma *visio intellectualis* que



proporciona um equilíbrio entre o limitado e o ilimitado construindo, assim, uma via de olhares que traz para nós a concretização da dialética entre o finito e o infinito.

Tratando assim desta dialógica, não é difícil percebemos dentro do cruzamento de olhares, até então desproporcionais, uma representação também gnosiológica e ontológica, uma vez que, como vimos, o ver divino é também o conhecer, assim como o próprio ser de Deus que, dentro da relação de olhares, unifica os âmbitos e exclui as divergências contingentes, tornando-se uno, numa troca de olhares onde a perspectiva de ver e ser visto ganha uma significação muito maior do que a de um simples olhar (cf. Beierwaltes. p.178), pois progride para uma ontologia do olhar que inclui as diferenças e sobre isso Nicolau de Cusa escreve:

Na verdade, que há de mais absurdo que dirigir-me a ti para que te dê a mim, tu que és tudo em tudo? E como te darás a mim, se não me deres igualmente o céu, a terra e tudo o que neles existe? E como te darás a mim, se também me não deres a mim próprio? E quando repouso assim no silêncio da contemplação, tu, Senhor no mais íntimo de mim respondes dizendo: sê teu e eu serei teu. (NICOLAU DE CUSA, 2012, p.166)

Encontramos aqui a representação dialógica em sua forma mais intensa numa mística especulativa que nos mostra a união de instâncias diversas que possibilitam o cruzamento de suas instâncias que, segundo Cassirer, não poderiam relacionar-se sem um certo nível de integração que ultrapassa a própria perspectiva de divergências ontológica entre o finito e o infinito que se unem na concepção dialógica de olhares.

## CONCLUSÃO

Ao chegar nesse ponto do trabalho observamos a necessidade de caminhar encerrá-lo, não como quem faz uma conclusão definitiva, mas como um fim que pode ter uma continuidade em pesquisas posteriores, principalmente quando pensamos na dimensão que a reflexão cusana pode nos proporcionar diante de sua filosofia. Tratando da mística do olhar como uma dessas concepções tão valiosas e que aqui fora discutida com tanto esforço, exporemos algumas elucidações que consideramos relevantes quando se trata da temática do olhar.

Pensar a mística especulativa proposta por Nicolau de Cusa, quando os monges de Tergensee enviaram a carta indagadora sobre a disputa do afeto e do intelecto, nos faz pensar em uma concepção de relação com o divino inovadora diante do pensamento de seu tempo, que desprestigiava tais âmbitos sensíveis. Por sua vez, e indo por uma via diversa, Nicolau de Cusa eleva aqueles elementos sensíveis a instrumentos para a concretização desta experiência especulativa.

Deste modo, seguindo as indicações de Nicola de Cusa, os monges puderam experimentar uma experiência a partir da obra de arte, que não pertencendo ao âmbito da transcendência, serviu de instrumento que envolve todos os elementos sensíveis (em especial o olhar) na busca pela superação e, porque não dizer, auto-superação dos próprios entes finitos que em processo de gradação seguiam num processo de desapego de si (porque ascende do olhar sensível, para a razão e assim até o intelecto) e aproximação de Deus.

Não obstante, foi a partir desta concepção que propomos uma mística do olhar expressa pela relação entre o olhar finito e o infinito que, a nosso ver, traz para nós a proposta de uma relação entre instâncias diversas, mas que se cruzam a partir do olhar que além de produzir no homem um desejo de contemplação do divino, ainda traz a descoberta de uma interação que coincide com a própria idéia de infinitude divina que nos mostra Deus e o homem, numa relação que, mesmo desproporcional, fundamenta a própria ontologia destas duas instâncias, numa dialógica que tem seu início no olhar, mas que ganha uma representação muito mais relevante que o simples ver, uma vez que o olhar divino é fundador

e, portanto, pensamos ser possível deixar como reflexão a possibilidade de refletir sobre esta mística do olhar também como uma ontologia do ver (ser) divino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES PRIMÁRIAS:

NICOLAU DE CUSA. *A Doutra Ignorância*. Trad., notas e introdução de João Maria André. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Doutra Ignorância*. Trad., prefácio, introdução e notas de Reinholdo Aloysio Ullmann. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

\_\_\_\_\_. *Visão de Deus*. Trad. e notas de João Maria André. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

\_\_\_\_\_. *Visão de Deus*. Trad. e notas João Maria André. 4º ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

### FONTES SECUNDÁRIAS:

ANDRÉ, João Maria. *Introdução a NICOLAU DE CUSA—A visão de Deus*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, pp. 79-130.

\_\_\_\_\_. “Mística y conocimiento en Nicolás de Cusa y en su tratado “*De visione Dei*”. In: *Problemas fundamentais del conocimiento*. Salamanca, Sociedad Castellano-Leonesa de Filosofía, 1993, pp. 103-124.

\_\_\_\_\_. *Sentido, simbolismo e interpretação no discurso filosófico de Nicolau de Cusa*. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

BARROS, José D'Assunção. *A escolástica em seu contexto histórico*. Fragmentos de Cultura. 2012. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/2348/1442>. Acesso em: 29 de agosto de 2013.

BEIERWALTES, Wener. *Cusanus, Reflexión metafísica y espiritualidad*. Colección de Pensamiento Medieval y Renacentista. Trad. de Alberto Ciria. Eunsa. 2005.

HIRSCHBERGER, Johannes. *Nicolau de Cusa: Idade Média e Idade Moderna*. Trad. de Alexandre Correia. Herder, 2012.

HOPKINS, Jasper. *Nicholas of Cusa (1401-1464): first modern Philosopher?*. In: Midwest studies in philosophy. Volume 26. p. 13–29. 2002.

KONDER, Leandro. *Nicolau de Cusa*. ALCEU- Revista do Departamento de Comunicação Social da PUC. Rio de Janeiro, V.2, n.4, pp.5-14, jan. 2002. Disponível em: [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n4\\_Konder.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Konder.pdf). Acessado em: 03 de setembro de 2013.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *O De Visione Dei como expressão da experiência religiosa em Nicolau de Cusa*. *Scintilla* – Revista de Filosofia e mística medieval. Curitiba, V. 3, n.1, p. 83–105. 2006.

\_\_\_\_\_. Maria Simone Marinho. *Nicolau de Cusa: Olhar e Mística*. In: *Mirabilia: Mística e Milenarismo na Idade Média*. V.14, pp. 207-227, jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Maria Simone Marinho. *Amor, caritas e dilectio – Elementos para uma Hermenêutica do Amor no Pensamento de Nicolau de Cusa*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2008. Tese de doutorado [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/9688/5/MSimoneMNogueira\\_Tese.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/9688/5/MSimoneMNogueira_Tese.pdf). Acessado em: 01 de agosto 2013.

\_\_\_\_\_. Maria Simone Marinho. *Desejo e conhecimento em Nicolau de Cusa*. In., J.R. de Souza (ORG), *Idade Média: tempo do mundo, tempo dos homens, tempo de Deus*. Porto Alegre, EST, 2006, pp. 336–345.

\_\_\_\_\_. Maria Simone Marinho. *La metáfora Del mirar em Nicolás de Cusa*. Anales del Seminario de Historia de la Filosofía. Madrid, 2003, pp. 69-78.

OLIVEIRA, Mariah. *Nicolau de Cusa - idéias que envolvem sua filosofia*. Disponível em: [http://www.vaniadiniz.pro.br/espaco\\_ecos/filosofia\\_virginia/mariah\\_de\\_olivieri\\_nicolau\\_de\\_cusa.htm](http://www.vaniadiniz.pro.br/espaco_ecos/filosofia_virginia/mariah_de_olivieri_nicolau_de_cusa.htm). Acessado em: 05 de agosto de 2013.

PÉREZ, José L. Prieto. *El Renacimiento y Nicolás de Cusa*. Seminario – Orotava – de Historia de La Ciência. 1860. pp.135-161.

RODRIGUES, José Ricardo Sousa. *Liberdade e tolerância em Nicolau de Cusa – a idéia de sistema através da análise de conceitos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. 2005.

REINHARDT, Klaus. *La unión mística Del hombre con el verbo divino. Un análisis Del sermo CCLXIII de Nicolás de Cusa*. Scintilla – revista de Filosofia e mística medieval. Curitiba, v. 4, n.1, 2007.

RUSCONI, Cecilia. *La representación sensible de lo no representable em Heimerico Del Campo y Nicolás de Cusa*. Scintilla – revista de Filosofia e mística medieval. Curitiba, v. 4, n.1, 2007.

SOUZA, José Antônio de C. R. *As relações de poder: do Cisma do Ocidente a Nicolau de Cusa* / Coordenador e organizador: José Antônio de C. R. de Souza; Coorganizador: Luiz Alberto de Boni. – Porto Alegre: Ed. EST, 2011.

SCHULZ, Walter. *El Dios de la metafísica moderna*. Trad. Filadelfo Linares. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Deus na mente de Nicolau de Cusa*. Scintilla – revista de Filosofia e mística medieval. Curitiba, v. 4, n.1, 2007.

BEZERRA. Cícero Cunha. *Compreender Plotino e Proclo*. Ed. Vozes. Petrópolis, 2006.

SILVA, Maria Ivone Camargos; DIAS, Silvano Severino; REZENDE, Vani Terezina. *olhar em Sartre: Relação entre o eu e o outro*. Uberlândia: Revista da Católica, 87-96. 2009.

